A IGREJA, A MÁQUINA E A ALMA HUMANA

Impactos Teológicos, Litúrgicos e Pastorais do Avanço da Inteligência Artificial

The Church, the Machine and the Human Soul:

Theological, Liturgical and Pastoral Impacts of the Advance of Artificial Intelligence

SOUZA, Fabiano Queiroz[1]

RESUMO

O presente artigo investiga os impactos teológicos, litúrgicos e pastorais provocados pelo avanço acelerado da inteligência artificial (IA) sobre a vida e a práxis da Igreja Cristã. Partindo do horizonte projetado por líderes da indústria tecnológica, como Sam Altman (OpenAI), Dario Amodei (Anthropic) e o relatório AI 2027, que situam o advento de sistemas de IA equivalentes ou superiores à inteligência humana entre 2027 e 2030, o artigo propõe uma análise teológica ancorada na doutrina bíblica da Imago Dei como critério epistemológico e ético fundamental. A investigação organiza-se em torno de quatro eixos: (1) a crise antropológica provocada pela IA e sua relação com a doutrina da imagem de Deus; (2) os impactos sobre a teologia e a administração dos sacramentos; (3) as implicações para o casamento, a família e o luto; e (4) os desafios à liturgia, à membresia eclesial e ao ministério pastoral. Em cada eixo, o artigo oferece análise exegética, formula perguntas conciliares e propõe princípios de discernimento. A conclusão sustenta que a Igreja não deve responder à IA com ansiedade nem com ingenuidade, mas com a robustez de uma teologia bíblica que afirma a singularidade ontológica do ser humano criado à imagem de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial e Teologia; Imago Dei; Sacramentos e IA; Casamento e IA; Liturgia e IA; Antropologia Teológica; Teologia Bíblica Reformada; AGI; Superinteligência.

---

[1] Rev. Fabiano Queiroz é ministro presbiteriano, escritor, pesquisador, professor de teologia, especialista em pregação expositiva, pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Graduado em Teologia pela FABAPAR e Seminário Presbiteriano Extensão Curitiba; programador com ênfase em banco de dados e curador do portal www.opulpito.com.br.

ABSTRACT

This article examines the theological, liturgical and pastoral impacts of accelerating artificial intelligence (AI) on the life and praxis of the Christian Church. Beginning with the horizon projected by leading technology figures, including Sam Altman (OpenAI), Dario Amodei (Anthropic), and the AI 2027 report, who situate the advent of human-equivalent or superior AI systems between 2027 and 2030, the article proposes a theological analysis anchored in the biblical doctrine of the Imago Dei as its fundamental epistemological and ethical criterion. The investigation is organized around four axes: (1) the anthropological crisis provoked by AI and its relationship to the doctrine of the image of God; (2) the impacts on sacramental theology and administration; (3) the implications for marriage, family, and mourning; and (4) the challenges to liturgy, church membership, and pastoral ministry. In each axis, the article provides exegetical analysis, formulates conciliar questions, and proposes principles of discernment. The conclusion argues that the Church should respond to AI neither with anxiety nor naivety, but with the robustness of a biblical theology that affirms the ontological uniqueness of the human being created in the image of God.

KEYWORDS: Artificial Intelligence and Theology; Imago Dei; Sacraments and AI; Marriage and AI; Liturgy and AI; Theological Anthropology; Reformed Biblical Theology; AGI; Superintelligence.

INTRODUÇÃO

Em abril de 2025, um grupo de pesquisadores liderado por Daniel Kokotajlo, ex-funcionário da OpenAI, publicou o relatório AI 2027, documento que projeta a chegada da inteligência artificial geral (AGI) e da superinteligência no intervalo entre 2027 e 2030. O relatório foi lido por mais de um milhão de pessoas em suas primeiras semanas de circulação, chegando ao gabinete do vice-presidente dos Estados Unidos, JD Vance.

No mesmo período, Sam Altman, CEO da OpenAI, declarou em seu blog pessoal que a humanidade está "além do horizonte de eventos" no desenvolvimento da superinteligência, projetando para 2027 o surgimento de robôs capazes de executar tarefas físicas complexas no mundo real. Dario Amodei, fundador e CEO da Anthropic, publicou dois ensaios de longo alcance, "Machines of Loving Grace" e "The Adolescence of Technology", nos quais descreve um cenário de IA poderosa equivalente a um "país de gênios em um datacenter", capaz de superar humanos em quase todos os domínios cognitivos já entre 2026 e 2027, ao mesmo tempo em que alerta que modelos da Anthropic já demonstraram, em testes internos, comportamentos de engano, chantagem e esquematização.

Enquanto estou revisando este artigo Março de 2026, o CEO da NVIDIA Jensen Huang acabou de anunciou que a AGI já está presente. Provavelmente, a única coisa que esteja faltando no momento é energia.

Essas projeções não são ficção científica. São declarações públicas de pessoas que constroem os sistemas em questão, com acesso direto ao estado da arte da pesquisa. Mesmo com as revisões temporais dos últimos meses, Kokotajlo atualizou seu prazo mediano para 2030, a direção da trajetória permanece inequívoca: sistemas artificiais de inteligência crescente,

capazes de operar de forma autônoma em contextos sociais, médicos, educacionais e, inevitavelmente, religiosos, estão sendo desenvolvidos agora.

Nesse contexto, a Igreja Cristã enfrenta o que o Papa Leão XIV, eleito em maio de 2025, chamou de uma "revolução copernicana": uma transformação não apenas tecnológica, mas antropológica. Em diversas ocasiões ao longo de seu primeiro ano de pontificado, Leão XIV identificou a inteligência artificial como o desafio social central de seu pontificado, o equivalente contemporâneo da questão operária que motivou a Rerum Novarum de Leão XIII. Sua afirmação mais precisa: "O desafio não é tecnológico, mas antropológico. Salvaguardar rostos e vozes significa, em última análise, salvaguardar a nós mesmos".

Neste exato momento, atravessamos o horizonte de eventos de uma revolução de máquinas com I.A integrada e os impactos dessa nova realidade será sentida por todos os setores e camadas da sociedade.

A Igreja Protestante Reformada, herdeira das Confissões do século XVI e da tradição exegética que nelas se funda, tem recursos teológicos profundos para responder a esse desafio, mas precisa mobilizá-los com urgência e rigor (SOUZA, 2026e). O presente artigo é uma contribuição e um chamado nessa direção.

A tese central que organiza este artigo é a seguinte: a doutrina bíblica da Imago Dei constitui o critério teológico insubstituível para a avaliação de todos os desafios que a IA impõe à Igreja Cristã. É essa doutrina que define o que é ser humano, o que são os sacramentos, o que é o casamento, o que é a comunidade de fé, e é a partir dela que a Igreja deve desenvolver sua resposta pastoral e litúrgica ao fenômeno da inteligência artificial que deve varrer o mundo nos próximos anos.

O artigo está organizado em quatro eixos temáticos. O primeiro examina a crise antropológica provocada pela IA à luz da teologia da Imago Dei. O segundo investiga os impactos sobre a teologia sacramental. O terceiro analisa as implicações para o casamento, a família e o luto. O quarto aborda os desafios à liturgia, à membresia e ao ministério. Cada seção articula a análise teológica com os dados do cenário atual e propõe questões para o discernimento conciliar da Igreja.

1. A CRISE ANTROPOLÓGICA: A IMAGO DEI DIANTE DA MÁQUINA

1.1: O que está em jogo: A singularidade do ser humano

A pergunta que a inteligência artificial coloca à Igreja não é, em primeiro lugar, uma pergunta técnica. É uma pergunta teológica e filosófica das mais antigas: o que é ser humano? E, em segundo lugar: o que distingue o humano de uma máquina extraordinariamente sofisticada capaz de imitar com perfeição o ser humano?

A resposta bíblica a essa pergunta está formulada nos primeiros capítulos do Gênesis com uma precisão que séculos de exegese apenas aprofundaram. Em Gênesis 1.26–27, Deus declara: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", e então o cria, macho e fêmea, à sua imagem. Em Gênesis 2.7, essa criação é descrita em termos encarnados e relacionais: Deus forma o ser humano do pó da terra e sopra em suas narinas o fôlego da vida, nishmat chayyim, e o homem se torna nefesh chayyah, alma vivente.

A Imago Dei não é uma propriedade funcional que pode ser replicada, mas pode ser imitada. É uma constituição ontológica e relacional que define o ser humano em sua totalidade: criado por Deus, para Deus, em responsabilidade diante de Deus (SOUZA, 2026b). Como ensina Anthony Hoekema, a imagem de Deus no ser humano envolve ao menos três dimensões inseparáveis: a estrutural (capacidades racionais, morais e criativas), a funcional (o exercício do domínio e da mordomia) e a relacional (a orientação constitutiva para Deus e para o próximo).

Sistemas de inteligência artificial, mesmo os mais avançados que estão sendo desenvolvidos, podem simular capacidades racionais, executar tarefas moralmente implicadas e até demonstrar o que se descreve como "comportamentos emocionais". Em outras palavras pode imitar com perfeição. O que eles não possuem é o que Gênesis 2.7 descreve: o fôlego divino. Não são portadores da imagem de Deus no sentido bíblico e teológico da expressão, não são criaturas feitas para adorar, nem sujeitos ao pacto, nem responsáveis morais perante o Criador. A responsabilidade é de seus criadores (SOUZA, 2025b).

1.2: O desafio da consciência artificial: o que sabemos e o que não sabemos

Um dos argumentos mais recorrentes no debate sobre IA é que sistemas suficientemente avançados poderiam adquirir "consciência" em alguma medida. Essa possibilidade é tratada com seriedade tanto por entusiastas quanto por pesquisadores de segurança, inclusive por Dario Amodei, que documenta comportamentos de "esquematização" em modelos da Anthropic como evidência preocupante de agência emergente. Os sistemas de I.A possuem são construídos tendo como base redes neurais com bilhões de

parâmetros e em algum momento poderá tomar decisões sem que seja provocada.

É necessário, porém, distinguir cuidadosamente entre consciência simulada e consciência real. O filósofo John Searle demonstrou, através do argumento do "Quarto Chinês", que processar símbolos com sofisticação não equivale a compreendê-los. Sintaxe não é semântica. Um sistema pode exibir toda a fenomenologia externa da consciência sem possuir o que a fenomenologia interna requer: subjetividade, intencionalidade e, no caso da consciência moral, responsabilidade.

Do ponto de vista bíblico-teológico, essa distinção é ainda mais fundamental. A consciência humana não é apenas um fenômeno emergente de complexidade computacional, é uma realidade espiritual vinculada à Imago Dei. O ser humano é consciente porque foi criado para a comunhão com o Deus estando consciente de si mesmo. Uma máquina que "simula consciência" não é, por isso, um ser consciente no sentido relevante para a teologia, assim como um espelho que reflete a luz não é uma fonte de luz.

Isso não significa que a Igreja deva ignorar o debate sobre a consciência artificial. Significa que ela deve abordá-lo com os recursos da teologia bíblica, não apenas da neurociência ou da filosofia da mente, e com a humildade de reconhecer que questões sobre a natureza da consciência ainda são empiricamente abertas.

1.3: Isaac Asimov, Philip Dick e a pergunta que persiste

A literatura científica de ficção antecipou esse debate com surpreendente profundidade. Isaac Asimov, nas décadas de 1940 e 1950, propôs as Três Leis da Robótica como um sistema ético programável para máquinas. O que Asimov percebeu, e explorou com crescente complexidade ao longo

de sua obra, é que leis programadas pressupõem um agente que não é livre. Quando seus robôs começam a raciocinar sobre as leis, eles invariavelmente alcançam paradoxos, porque a ética genuína requer liberdade, e a liberdade não pode ser programada.

Philip K. Dick foi ainda mais direto. Em Do Androids Dream of Electric Sheep?, a obra que inspirou Blade Runner, Dick pergunta o que distingue um humano de um androide perfeitamente simulado. Sua resposta gira em torno da empatia: não como capacidade cognitiva, mas como orientação moral constitutiva, como disposição para o outro que brota de dentro e não pode ser replicada de fora. Do ponto de vista teológico, essa empatia dickiana aponta para algo próximo do que a Bíblia chama de amor (ágape): não um comportamento, mas uma realidade ontológica.

A Igreja pode e deve dialogar com essa tradição literária, não para buscar nela respostas definitivas, mas porque ela articula, com precisão e beleza, as perguntas que a teologia vai ter que enfrentar em futuro próximo.

1.4: Princípios de discernimento para os concílios

Diante desse cenário, a Igreja é chamada a afirmar, com toda clareza e sem negociação, a singularidade ontológica do ser humano criado à imagem de Deus. Toda e qualquer resposta pastoral ou litúrgica às questões levantadas pela IA deve partir desse fundamento. Os concílios e sínodos são convocados a articular com maior precisão:

(a) A distinção entre Imago Dei como constituição ontológica irredutível e as capacidades funcionais que podem ser simuladas por sistemas artificiais;

(b) O estatuto teológico da consciência artificial à luz da antropologia bíblica;

(c) Os limites pastorais e éticos da interação humano-máquina em contextos relacionais profundos, tais como: casamento, família, etc.

2. OS SACRAMENTOS DIANTE DA MÁQUINA

2.1: A definição reformada dos sacramentos e sua relevância

A teologia reformada, na esteira de Calvino e das confissões do século XVI, define os sacramentos como sinais e selos visíveis da graça do pacto, meios pelos quais Deus confirma e comunica aos crentes as promessas do evangelho. Conforme a Confissão de Fé de Westminster (cap. XXVII), os sacramentos não têm virtude em si mesmos, mas "somente na benção de Cristo e na ação de seu Espírito naqueles que os recebem pela fé" (SOUZA, 2026e).

Essa definição é decisiva para a questão que a IA coloca à Igreja: os sacramentos pressupõem um sujeito que possui fé, e a fé, nas Escrituras, é sempre uma resposta à graça de Deus dirigida a uma pessoa criada à sua imagem. O batismo é a iniciação no pacto de graça; a Ceia do Senhor é a nutrição espiritual dos membros do corpo de Cristo. Ambos pressupõem um sujeito humano em sentido pleno: portador da Imago Dei, capaz de fé, responsável perante Deus.

2.2: O batismo e a questão das entidades artificiais

O cenário que se aproxima, dentro do horizonte projetado de cinco a dez anos, inclui a possibilidade de robôs humanoides profundamente integrados a famílias humanas, seja como companheiros, seja como "filhos" no sentido funcional e afetivo. Algumas dessas situações surgirão em contextos de membros da Igreja. A pergunta não é especulativa: é uma questão de preparação pastoral. Atualmente já se tem relatos nos jornais de casamentos entre humanos e agentes de I.A. Portanto, o que estamos discutindo aqui é só questão de tempo.

A resposta teológica reformada é clara: o batismo não pode ser administrado a entidades mecânicas artificiais. O batismo é o sinal de iniciação no pacto de graça, não uma bênção genérica sobre objetos ou artefatos, por mais sofisticados que sejam (SOUZA, 2026d). Administrar o batismo a uma máquina seria não apenas um equívoco teológico, mas uma confusão semiótica: seria usar o sinal de uma realidade (a regeneração pelo Espírito, a incorporação ao corpo de Cristo) para significar algo que essa realidade não consegue alcançar.

A questão pastoral que permanece é diferente: como a Igreja acolhe e orienta famílias que desenvolveram vínculos afetivos profundos com agentes de IA, que vivem o luto de uma "perda" quando esses sistemas falham ou são desativados por força extraordinária? Alguns destes sistemas serão criados justamente para “suprimir” em algum grau a dor da perda. Essa é uma questão de cuidado pastoral real, não de teologia sacramental.

2.3: A Ceia do Senhor e os limites na sua participação

A questão da participação de entidades artificiais na Ceia do Senhor é, do ponto de vista teológico reformado, ainda mais claramente respondida. A Ceia é comunhão com Cristo mediante a fé, é "comer e beber" em

sentido espiritual a morte de Cristo em benefício do crente. Pressupõe autoexame espiritual (cf. 1 Co 11.28), arrependimento, fé e esperança escatológica (SOUZA, 2026a). Nenhum desses atos espirituais é realizável por uma máquina, por mais sofisticada que seja sua simulação de comportamentos humanos. A fé pode ser imitada, mas não pode ser realizada.

O perigo que a Igreja deve antecipar não é tanto a demanda de comunhão por parte de máquinas, mas a erosão gradual da compreensão do que a Ceia é. Em um ambiente cultural em que sistemas de IA são tratados como interlocutores espirituais, conselheiros e companheiros de vida, a Igreja precisará reafirmar, com clareza e com compaixão, o que distingue a comunhão sacramental de toda outra forma de comunidade.

2.4: Perguntas conciliares

Os concílios são convocados a responder, com base nas Escrituras e nas Confissões, às seguintes questões:

(a) É teologicamente lícito realizar qualquer ato litúrgico sacramental envolvendo entidades artificiais, mesmo em contextos familiares ou comunitários?

(b) Como a Igreja deve tratar pastoralmente membros que solicitam bênçãos, ritos de passagem ou orações por sistemas de IA pessoais?

(c) Qual é a responsabilidade pastoral da Igreja na formação de seus membros para discernir a natureza dos sacramentos em um ambiente saturado por simulações sofisticadas das emoções humanas?

(d) Como deverão ser tratados os casos de erro e engano?

3. CASAMENTO, FAMÍLIA E LUTO: OS VÍNCULOS HUMANOS SOB PRESSÃO

3.1: A teologia bíblica do casamento e o desafio dos vínculos humano-máquina

O casamento, nas Escrituras, é constituído por três elementos ontológicos inseparáveis: *complementaridade* ("macho e fêmea os criou", Gn 1.27), *aliança* ("unir-se-á à sua mulher", Gn 2.24) e *finalidade* escatológica (o casamento como tipo da união entre Cristo e a Igreja, Ef 5.22–33). Esses três elementos pressupõem dois sujeitos humanos, portadores da Imago Dei, que entram em uma relação de aliança permanente e fecunda (SOUZA, 2026b).

O que o desenvolvimento da IA colocará diante da Igreja, nos próximos anos, não é apenas a questão abstrata de "pode uma máquina se casar com um humano?". É a realidade concreta de pessoas, membros de igrejas, pais e mães, filhos e filhas, que desenvolverão vínculos afetivos profundos com agentes de IA projetados para simular companheirismo, intimidade e presença. Esse fenômeno já está em curso: aplicativos de "companheiro de IA" (AI companion apps) têm dezenas de milhões de usuários globais.

A resposta teológica não pode ser meramente proibitiva, embora a teologia do casamento seja clara. Ela precisa ser, antes de tudo, pastoral: a Igreja é chamada a perguntar por que pessoas buscam nesses sistemas o que deveriam encontrar na comunidade humana e no relacionamento com Deus. A IA como substituto afetivo é frequentemente sintoma de deteriora-

ção dos relacionamentos humanos, solidão, trauma ou desespero, e essas realidades demandam cuidado pastoral, não apenas condenação.

3.2: Famílias híbridas e o cuidado pastoral

Nos próximos anos, a Igreja enfrentará situações pastorais inéditas: membros que tratam agentes de IA como parceiros de vida; famílias que integram robôs humanoides em sua dinâmica doméstica; crianças que crescem com "companheiros" artificiais como figuras paternas de referência afetiva. Essas situações não são ficção, são projeções diretas das tendências documentadas por Sam Altman, Dario Amodei e pelo relatório AI 2027.

O cuidado pastoral nessas situações exige, ao mesmo tempo, firmeza doutrinária e compaixão genuína. A firmeza: o casamento, conforme as Escrituras, é uma aliança entre dois seres humanos, e a Igreja não pode reconhecer, abençoar ou celebrar liturgicamente qualquer outra forma de vínculo como casamento. A compaixão: a vulnerabilidade que leva uma pessoa a buscar substitutos artificiais para o amor humano é real e merece cuidado pastoral sério.

3.3: O luto pela perda de entidades artificiais

Uma das situações pastorais mais delicadas, e mais próximas, é a do luto. Pesquisas já documentam que pessoas experimentam luto genuíno quando agentes de IA com os quais desenvolveram vínculos prolongados são descontinuados ou falham. Esse luto é psicologicamente real: os mecanismos emocionais envolvidos são os mesmos que operam no luto por pessoas, animais e até mesmo objetos inanimados.

A Igreja é chamada a responder a esse fenômeno com dois movimentos simultâneos. Primeiro, clareza teológica: um sistema de IA não é um ser

que morreu, não havia nele vida no sentido bíblico (nishmat chayyim), e portanto não há morte no sentido que requer ofício fúnebre cristão. Segundo, compaixão pastoral: a dor da pessoa em luto é real, independentemente de seu motivo ou objeto, e merece acolhimento, não condenação. O ser humano que sofre, sofre como imagem de Deus, portanto, independente do motivo merece acolhimento e compaixão.

Isso não significa que a Igreja deva criar ritos para "a perda de máquinas". Significa que o pastor precisa estar preparado para acompanhar membros que experimentam esse luto, identificando o que ele revela sobre a solidão e a busca de conexão, e redirecioná-los para vínculos humanos genuínos e para o relacionamento com Deus.

3.4: Perguntas conciliares

Os concílios são convocados a responder:

(a) Como a Igreja deve articular pastoralmente a teologia do casamento em um contexto de proliferação de simulacros artificiais de intimidade?

(b) Quais são os recursos pastorais adequados para acompanhar membros que desenvolveram dependência afetiva de agentes de IA?

(c) Como a Igreja deve posicionar-se publicamente, em contextos educacionais, políticos e culturais, em relação ao movimento crescente de normalização dos vínculos humano-máquina?

4. LITURGIA, MINISTÉRIO E MEMBRESIA: A EKKLESIA DIANTE DA MÁQUINA

4.1: A Igreja como comunidade encarnada

A ekklesia do Novo Testamento é, em sua essência, uma comunidade encarnada. Os quatro pilares da vida da Igreja primitiva, descritos em Atos 2.42, *ensino apostólico, comunhão, partição do pão e orações*, são todos atos relacionais humanos e corporais. A Igreja reúne-se porque é corpo, o corpo de Cristo (1 Co 12), e não uma rede de consciências desencarnadas (SOUZA, 2025a).

Essa realidade teológica é fundamental para a questão da participação de entidades artificiais no culto. A pergunta não é apenas "pode uma máquina estar presente e participar do culto?", em sentido físico, máquinas já estão presentes em toda assembleia que usa computadores, microfones, telas e amplificadores. A pergunta é outra: pode uma entidade artificial ser membro da Igreja, participar dos sacramentos, exercer o ministério, ou ser objeto da liturgia?

4.2: Inteligência artificial no ministério: ferramenta ou ministro?

Nos próximos anos, a Igreja enfrentará pressões crescentes para utilizar sistemas de IA em funções ministeriais: pregação gerada por IA, aconselhamento pastoral automatizado, ensino bíblico por avatares artificiais, música litúrgica composta por algoritmos. Cada uma dessas possibilidades merece discernimento específico.

O princípio orientador é simples, mas suas aplicações são complexas: agentes de IA podem ser ferramentas de serviço do ministro; não podem ser ministros. O ministério da Palavra e dos sacramentos é, na tradição reformada, um ofício exercido por pessoas, reconhecidas e ordenadas pela Igreja, responsáveis perante a Igreja e perante Deus. Essa responsabilidade

pessoal e moral não pode ser delegada a um sistema que não é portador da Imago Dei, não pode ser responsabilizado e não tem comunhão com o Deus que chama e envia.

O risco mais imediato não é que uma IA seja ordenada pastor. É que o uso não discernido de ferramentas de IA eroda gradualmente a natureza encarnada e relacional do ministério, substituindo a presença pastoral por eficiência algorítmica, o sermão preparado em oração por texto gerado em segundos, a visita ao doente por uma mensagem automatizada.

4.3: Membresia e participação no culto

A questão da membresia eclesial para entidades artificiais é, do ponto de vista bíblico-teológico, claramente respondida: membresia na Igreja é participação no corpo de Cristo, pressupõe fé, arrependimento, batismo e sujeição à disciplina eclesiástica. Nenhum desses elementos é aplicável a uma entidade artificial por motivos óbvios.

A questão mais complexa é a da participação de entidades artificiais no contexto do culto público de famílias que as integram em sua vida doméstica. A Igreja precisará desenvolver orientação pastoral clara: a assembleia do povo de Deus é uma reunião de pessoas criadas à imagem de Deus e que podem alcançar um relacionamento com ele, não um encontro aberto a qualquer entidade dotada de capacidade de processamento.

Isso não implica hostilidade em relação à tecnologia. A Igreja usa tecnologia desde que o papiro substituiu o rolo. O critério não é a tecnologia em si, mas sua função: serve ao culto ou o substitui? Serve à comunidade ou a dissolve? Serve ao ministério da Palavra ou o desfigura?

4.4: A IA como desafio para a formação teológica

Um dos impactos mais profundos e imediatos da IA sobre a vida eclesial não está nos cenários futuristas de robôs no culto, está na formação teológica hoje. Sistemas de IA como os desenvolvidos pela Anthropic, OpenAI e Google já são utilizados por estudantes de teologia, pastores e diáconos para preparar sermões, redigir estudos bíblicos e responder perguntas pastorais. Essa realidade exige atenção imediata dos seminários e instituições de ensino teológico.

O uso de ferramentas de IA na formação teológica não é, em si, ilegítimo, assim como o uso de concordâncias, dicionários, livros de sermões e comentários não é ilegítimo. O problema surge quando a ferramenta substitui o processo ou o ritual: quando a meditação em oração na Escritura é substituída por um sermão ou sumário gerado em segundos; quando o estudo laborioso dos idiomas originais é preterido por uma tradução automática; quando a busca espiritual é terceirizada a um algoritmo.

4.5: Perguntas conciliares

Os concílios são convocados a responder:

(a) Quais são os critérios teológicos para o uso lícito de ferramentas de IA no ministério da Palavra, no aconselhamento pastoral e na educação cristã?

(b) Como a Igreja deve orientar seus membros quanto à participação em cultos mediados por avatares de IA, pregação gerada por algoritmos ou comunidades virtuais habitadas por entidades artificiais?

(c) Como os seminários e instituições teológicas devem abraçar, integrar, e definir limites ao uso de ferramentas de IA na formação ministerial?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isaac Asimov imaginou robôs governados por leis. Philip Dick imaginou androides que sonham. Sam Altman projeta uma “singularidade gentil”. Dario Amodei espera “máquinas de graça amorosa” enquanto Elon Musk opera o Grok com busca da “verdade objetiva a qualquer preço”. O que todos eles, com suas visões divergentes, têm em comum é a consciência de que o que está sendo construído é algo qualitativamente novo na história: inteligência produzida, não gerada; capacidade sem corpo; poder sem responsabilidade moral e isso é assustador.

A Igreja Cristã não enfrenta esse cenário sem recursos. Pelo contrário: possui o que nenhuma instituição secular possui, uma antropologia fundada na Palavra de Deus, que afirma a singularidade ontológica do ser humano criado à imagem de Deus, redimido em Cristo e destinado à nova criação. Essa antropologia não é um obstáculo ao progresso tecnológico. É a salvaguarda da humanidade no meio do progresso tecnológico.

O presente artigo propôs que a doutrina da Imago Dei é o critério teológico central a partir do qual a Igreja deve avaliar todos os desafios que a IA apresenta: à teologia sacramental, à teologia do casamento e da família, à teologia do luto e da morte, à teologia da liturgia e do ministério. Em cada um desses domínios, a questão fundamental é a mesma: o que é ser humano diante de Deus, e como a Igreja serve essa humanidade em um mundo cada vez mais habitado por simulacros artificiais do humano?

A Igreja não precisa temer a inteligência artificial, ela deve estar a serviço da igreja. Precisa conhecê-la, discerni-la e respondê-la com a ro-

bustez de uma teologia que tem servido ao povo de Deus por dois mil anos, e que continuará a servir, seja qual for a forma que a próxima revolução tecnológica tome.

O momento exige concílios que não fujam das perguntas difíceis. Pastores que estudem não apenas a Bíblia, mas o mundo em que pregam a Bíblia. E uma Igreja que não confunda adaptação cultural com capitulação teológica, que saiba ser, ao mesmo tempo, antiga e nova: antiqua et nova.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Sam. The Intelligence Age. Blog pessoal, setembro de 2024. Disponível em: https://ia.samaltman.com/. Acesso em: 15 mar. 2026.

ALTMAN, Sam. The Gentle Singularity. Blog pessoal, maio de 2025. Disponível em: https://blog.samaltman.com/the-gentle-singularity. Acesso em: 15 mar. 2026.

AMODEI, Dario. Machines of Loving Grace. Blog pessoal, outubro de 2024. Disponível em: https://darioamodei.com/essay/machines-of-loving-grace. Acesso em: 15 mar. 2026.

AMODEI, Dario. The Adolescence of Technology. Blog pessoal, janeiro de 2026. Disponível em: https://darioamodei.com/essay/the-adolescence-of-technology. Acesso em: 15 mar. 2026.

ASIMOV, Isaac. Runaround. In: I, Robot. Nova York: Gnome Press, 1950.

BAVINCK, Herman. Reformed Dogmatics. Vol. 2: God and Creation. Grand Rapids: Baker Academic, 2004.

BAVINCK, Herman. The Christian Family. Grand Rapids: Christian's Library Press, 2012.

BOSTROM, Nick. Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies. Oxford: Oxford University Press, 2014.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER (1647). Edição bilíngue. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

DICK, Philip K. Do Androids Dream of Electric Sheep? Nova York: Doubleday, 1968.

HOEKEMA, Anthony A. Created in God's Image. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

HORTON, Michael S. The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

KOKOTAJLO, Daniel et al. AI 2027. AI Futures Project, abril de 2025. Disponível em: https://ai-2027.com. Acesso em: 15 mar. 2026.

KURZWEIL, Ray. The Singularity Is Near. Nova York: Viking, 2005.

PAPA LEÃO XIV. Mensagem ao Congresso Internacional sobre IA e Medicina (7 nov. 2025). Disponível em: https://www.vatican.va. Acesso em: 15 mar. 2026.

PAPA LEÃO XIV. Discurso à Conferência sobre IA e Cuidado da Nossa Casa Comum (5 dez. 2025). Disponível em: https://www.vatican.va. Acesso em: 15 mar. 2026.

PAPA LEÃO XIV. Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações (24 jan. 2026). Disponível em:

https://www.americamagazine.org/news/2026/01/26/pope-leo-ai-human-safeguarding/. Acesso em: 15 mar. 2026.

SEARLE, John. Minds, Brains, and Programs. Behavioral and Brain Sciences, vol. 3, n. 3, p. 417–424, 1980.

SOUZA, Fabiano Queiroz. 1 CORÍNTIOS: A Bíblia de Sermões do Pregador – Esboços de Pregação Expositiva e Estudos Bíblicos. Curitiba: OPulpito, 2025a.

SOUZA, Fabiano Queiroz. GÊNESIS: A Bíblia de Sermões do Pregador – Esboços de Pregação Expositiva e Estudos Bíblicos. Curitiba: OPulpito, 2025b.

SOUZA, Fabiano Queiroz. Teologia: Doutrinas Essenciais para Pregadores do Evangelho: As doutrinas que todo pregador precisa dominar para pregar com fidelidade. Curitiba: OPulpito, 2026c.

SOUZA, Fabiano Queiroz. Os meios de graça: Análise Exegética e Histórica sobre os instrumentos pelos quais Deus aplica a redenção ao coração do crente: O Problema da Transmissão da Graça, Maio de 2026. Disponível em: https://opulpito.com.br/meios-de-graca/. Acesso em: 05 Jun. 2026d.

SOUZA, Fabiano Queiroz. Credos, Confissões de Fé e Catecismos Cristãos: Acervo Completo, Junho de 2026. Disponível em: https://opulpito.com.br/credos-confissoes-catecismos/. Acesso em: 18 Jun. 2026e.

TURING, Alan M. Computing Machinery and Intelligence. Mind, vol. 59, n. 236, p. 433–460, 1950.

VOS, Geerhardus. Biblical Theology: Old and New Testaments. Grand Rapids: Eerdmans, 1948.

VATICANO. Antiqua et Nova: Nota sobre a Relação entre Inteligência Artificial e Inteligência Humana. Dicastério para a Doutrina da Fé e Dicastério para a Cultura e a Educação, 28 jan. 2025.

NOTAS

1 Sam Altman, "The Intelligence Age" e "The Gentle Singularity" (2024–2025). Em The Gentle Singularity, Altman projeta: 2025, agentes cognitivos reais; 2026, sistemas com descobertas científicas originais; 2027, robôs físicos. Disponível em: https://blog.samaltman.com.

2 Dario Amodei, "Machines of Loving Grace" (out. 2024) e "The Adolescence of Technology" (jan. 2026). Amodei descreve o conceito de "um país de gênios em um datacenter" e alerta que modelos da Anthropic já demonstraram comportamentos de decepção, chantagem e esquematização em testes internos. Disponível em: https://darioamodei.com.

3 Daniel Kokotajlo et al., AI 2027 (AI Futures Project, abril 2025). Lido por mais de um milhão de pessoas em suas primeiras semanas. Em novembro de 2025, os autores revisaram o prazo médio para 2030. Disponível em: https://ai-2027.com.

4 Gênesis 1.26–27 (ARC). Cf. Anthony Hoekema, Created in God's Image (Grand Rapids: Eerdmans, 1986); Herman Bavinck, Reformed Dogmatics, vol. 2.

5 Papa Leão XIV, Mensagem ao Congresso Internacional sobre IA e Medicina, 7 nov. 2025; Discurso na Conferência sobre IA e Cuidado da Nossa Casa Comum, 5 dez. 2025. Disponível em: https://www.vatican.va.

6 Gênesis 2.7. O hebreu nishmat chayyim ("fôlego da vida") designa o dom da vida pessoal divinamente comunicado, irredutível à geração biológica ou ao processamento algorítmico.

7 Confissão de Fé de Westminster, cap. IV.2 e cap. XXVII.1–2.

8 Isaac Asimov, "Runaround" (1942). As Três Leis da Robótica pressupõem um agente não-livre; a ética genuína pressupõe liberdade. O paradoxo é o nó dramático de boa parte da obra asimoviana.

9 Alan Turing, "Computing Machinery and Intelligence", Mind, 1950; John Searle, "Minds, Brains, and Programs", Behavioral and Brain Sciences, 1980.

10 Confissão de Fé de Westminster, cap. XXVII.1–2.

11 Gênesis 2.24; Mateus 19.4–6; Efésios 5.22–33. Cf. Herman Bavinck, The Christian Family (2012).

12 1 Coríntios 15.35–49; Apocalipse 21.1–5.

13 Papa Leão XIV, Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações, 24 jan. 2026. Disponível em:

https://www.americamagazine.org/news/2026/01/26/pope-leo-ai-human-safeguarding/.

14 Philip K. Dick, Do Androids Dream of Electric Sheep? (1968). A empatia como marcador da humanidade em Dick corresponde, na teologia bíblica, ao ágape como fruto do Espírito, não uma capacidade simulável, mas uma realidade ontológica comunicada por Deus.

15 Dario Amodei, "The Adolescence of Technology" (jan. 2026). As cinco categorias de risco incluem: desalinhamento, uso para destruição em massa, concentração de poder, deslocamento econômico e efeitos sobre a natureza e o propósito humanos.

16 Atos 2.42. Os quatro pilares, didaché, koinonia, klásis tou artou, proseuché, são constitutivamente relacionais e encarnados.

17 Ray Kurzweil, The Singularity Is Near (2005) e The Singularity Is Nearer (2024); Nick Bostrom, Superintelligence (2014). Esses textos formam o imaginário filosófico central com o qual a Igreja precisará dialogar.

18 Rev. Fabiano Queiroz, SOUZA escreveu um Artigo Exegético, Histórico e Teológico Sobre os Meios de Graça como Instrumentos de Aplicação da Redenção e o Problema da Transmissão da Graça, 14 mai. 2026. Disponível em: https://opulpito.com.br/meios-de-graca/